

MIRIAM

ONLINE

evangelização é estar ao serviço da Esperança

TEMA CENTRAL

Esperança e Evangelização:

é a experiência vital de Jesus que faz a evangelização acontecer e despertar os mundos para a Esperança

Testemunho Redentorista

Pe. Alcino Fraga

"Nós não nascemos feitos, vamo-nos fazendo. A vocação foi-se formando e crescendo, acontecendo, no meio de dúvidas, de interrogações até que amadurece ou vai amadurecendo."

Crónicas da Terra Vermelha

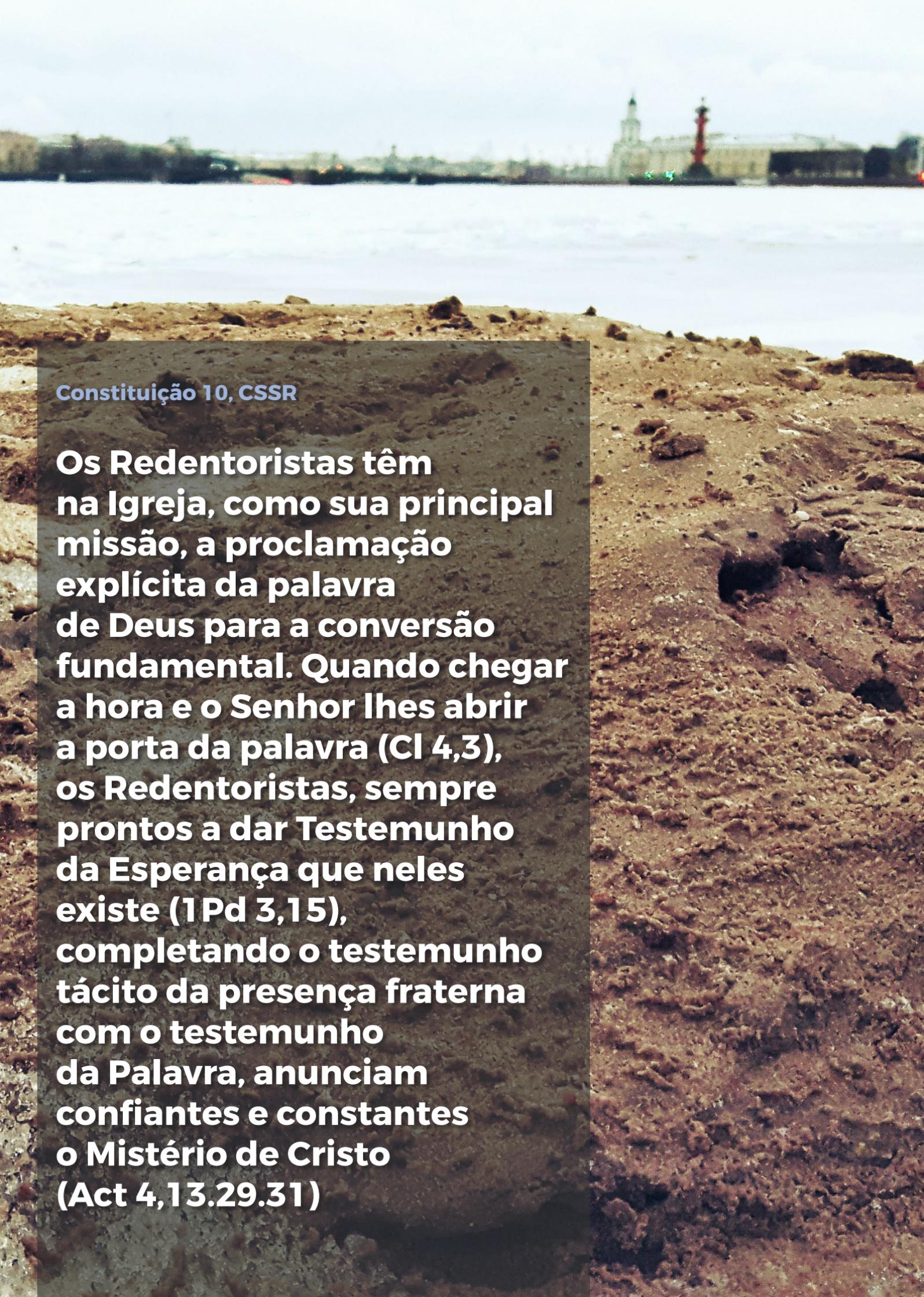
"O Suleiman, nesse dia, abriu um rasgão no meu espírito, uma entrada de alto a baixo. Por causa das coisas que contava que o Jesus dele fazia."

Ainda há boas notícias

Contrariamente ao que nos fazem crer, há muitas coisas boas a acontecer no mundo!



Foto Zé ku Teresa - Beach of Peter and Paul
Fortress on the Neva River, Saint Petersburg, RUSSIA



Constituição 10, CSSR

Os Redentoristas têm na Igreja, como sua principal missão, a proclamação explícita da palavra de Deus para a conversão fundamental. Quando chegar a hora e o Senhor lhes abrir a porta da palavra (Cl 4,3), os Redentoristas, sempre prontos a dar Testemunho da Esperança que neles existe (1Pd 3,15), completando o testemunho tácito da presença fraterna com o testemunho da Palavra, anunciam confiantes e constantes o Mistério de Cristo (Act 4,13.29.31)

REVISTA DE ATUALIDADE CRISTÃ

MIRIAM

#2 MARÇO 2017
REVISTA QUADRIMESTRAL**Edição**

CSSR - PIM

Congregação do Santíssimo Redentor -
Partnership in Mission**Direção Editorial**

Margarida Ferreira

Rui Santiago cssr

Teresa Ascensão

Equipa de Redação

José Silva Oliveira

Marco Ramos

Mariana Costa

Miguel Cabral

Miguel Cardoso

Pedro Panzina

Ubam Indje

Colaboradores neste número

Acácio Matos cssr

Alcino Fraga cssr

André Chasqueira

Cátia Ferreira

Sean Wales cssr

Design e paginação

Miguel Cardoso @ Terra das Ideias

Fotos Miguel Cardoso:

capa, 14, 16, 17, 25

EDITORIAL

Esperança

Estará este mundo perdido como às vezes nos querem fazer pensar? Nós cá recusamo-nos a isso. Este número da Miriam procura afinar-nos o olhar, desafiando-nos a olhar o mundo pela lente da Esperança, a pôr a Evangelização ao serviço da Esperança. “Sempre que acontece evangelização, floresce a esperança onde acontece, no chão da vida de muitos”, é uma belíssima frase do tema central, desta vez a cargo do padre Acácio Matos. Somos convidados de uma forma leve e descomplicada a aprofundar um bocadinho o que é isto de ser evangelizador. A Miriam tem esta pretensão, de chegar a todos, também pela linguagem. A todos mesmo, até aos mais pequenos. Desta vez o Coisas em Miúdos é especial, uma história muito bonita para contar aos mais novos lá de casa. Ao folhear a revista, de ponta a ponta, vão-nos ser dadas notícias, vão-nos ser lançados desafios, vão-nos ser contados segredos ao ouvido. Vão-nos fazer sorrir, refletir, tomar partidos, repensar atitudes. Vão ser lançadas sementes, esperamos, para que a esperança vá mesmo florescendo na vida de cada um. Vamos a isso!



CONTEÚDOS



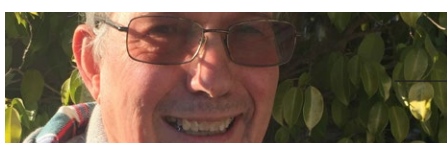
06 AINDA HÁ BOAS NOTÍCIAS

Mariana Costa e Miguel Cabral



08 NOTÍCIAS DA IGREJA QUE NÃO É NOTÍCIA

Pedro Panzina



10 TESTEMUNHO REDENTORISTA

Alcino Fraga cssr



12 DICIONÁRIO REDENTORISTA

Sean Wales cssr



14 TEMA CENTRAL EVANGELIZAR É ESTAR AO SERVIÇO DA ESPERANÇA

Acácio Matos cssr



20 AS COISAS EM MIÚDOS

Cátia Ferreira



21 CRÓNICAS DA TERRA VERMELHA

Ubam Indje



22 MAS NÓS NÃO

José Silva Oliveira



24 REDENTOON

Marco Ramos e André Chasqueira

AINDA HÁ BOAS NOTÍCIAS

POR: MARIANA COSTA E MIGUEL CABRAL

Ainda estamos em tempos de desejar Feliz 2017? Talvez fosse boa ideia. A verdade é que costumamos perder o otimismo muito depressa. Que pena... Segundo um estudo da escola de Saúde Pública de Harvard isso pode valer uns anos de vida extra, pelo menos, à Mariana. Isto porque o estudo descobriu que mulheres que vêm a sua vida de uma forma otimista têm um risco mais reduzido de morrer de forma prematura. E olhe que tiveram em conta os hábitos saudáveis das participantes, por isso este benefício mantém-se mesmo descontando os hábitos saudáveis **VER MAIS**

Este ano passado fizeram-se grandes descobertas, algumas sem querer! Então não é que, por acidente, descobriram como converter dióxido de carbono (CO₂) em etanol (que é como quem diz álcool), que pode ser usado como combustível **VER MAIS**. Isto poderá ser uma ótima ajuda no combate às alterações climáticas.

Algo que também poderá dar frutos muito interessantes é a criação de um fundo de 10 milhões de dólares em investigação sobre o rendimento básico incondicional **VER MAIS**. O que é isso? Bem, é uma teoria económica que defende que seria sustentável atribuir um rendimento garantido a todos os cidadãos, independentemente de estarem ou não empregados. Dessa forma, todos poderíamos tentar fazer aquilo que realmente gostamos e tal levaria a maior inovação, crescimento econó-

mico e felicidade. Vale a pena investigar não é?

Parece coisa de filme? Talvez, mas agora também já pode confirmar até que ponto o que vê em alguns filmes se passou mesmo assim ou não. Verdade, verdadinha. Tudo graças a um jornalista londrino, David McCandless, que decidiu fazer um projeto onde mostra, através de figuras, quão verdadeiro é um dado filme **VER MAIS**. E talvez se queira demorar um pouquinho no site deste jornalista. É que o rapaz gosta de fazer a informação bonita e tem lá mais umas coisas giras, como por exemplo um mapa-mundo onde mostra em que área é que cada país é o melhor do mundo (vá, nós não estragamos a surpresa, vá lá ver Portugal) **VER MAIS**. Não é o que lá está, mas também somos muito bons na comida, sabia? Pois, também nos parecia que sim. Mas sabia que também somos os melhores do mundo a fazer pizza? **VER MAIS**

Por falar de paparoca, às tantas já sabem da história, mas nos Estados Unidos, um jantar de "Thanksgiving" (aquela tradição americana de usar uma refeição familiar onde se dá graças pelo que se tem, soa familiar?) foi muito peculiar. Uma avó convidou a família toda por mensagem de telefone e enganou-se num dos números e convidou um estranho. Depois de esclarecida a confusão, o rapaz convidado perguntou se o convite ainda se mantinha e a avó disse que sim. Ela acredita que as avós devem alimentar toda a gente. E foi uma jantarada animada



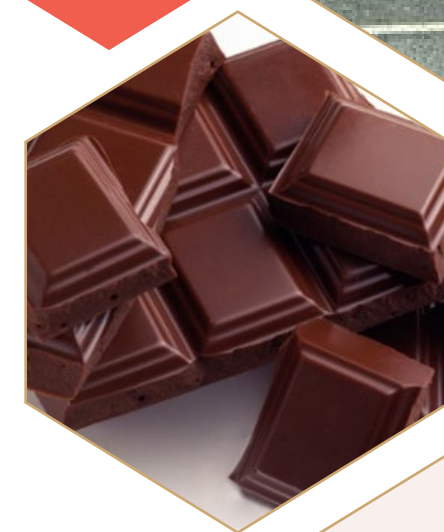
e que criou uma história que circulou muito bem por essas redes sociais **VER MAIS**.

Se ainda não está a sentir um bocadinho mais de esperança para este novo ano, então temos mais um remédio para si: a música "Can't stop me now" dos Queen. É que uma equipa de cientistas concluiu que esta é a música mais feliz do mundo **VER MAIS**, por isso vale a pena ouvir de novo.

O que também valia a pena ouvir muitas vezes era a criação de mais zonas naturais protegidas. E agora, temos mais uma, e grande: foi criada a maior reserva marinha do mundo, junto à Antártida e à Nova Zelândia **VER MAIS**. E é mesmo da Nova Zelândia que vem a nossa história mais comprida de hoje:)

A nossa história mais demorada desta edição envolve a dinâmica do amigo secreto no Natal, mas numa escala um bocadinho maior do que o jantar de Natal lá do trabalho. Então, como já devem conhecer, a dinâmica do amigo secreto, tipicamente, envolve o sorteio, entre amigos ou conhecidos, de um amigo secreto, que fica responsável por arranjar uma prenda de natal para alguém. Familiar, certo? Já existem alguns casos onde a dinâmica é levada para lá dos jantares de Natal, como por exemplo no caso da comunidade online Reddit. Essa até é conhecida porque o Bill Gates costuma esmerar-se nesta dinâmica e as pessoas que são presenteadas por ele gostam sempre de partilhar o que ele lhes deu. Este último Natal não foi diferente **VER MAIS**. Agora, imagine fazer isto para um país inteiro. É isso que está a acontecer na Nova Zelândia.

Em 2010, houve alguém que desafiou os utilizadores da rede social twitter deste país para uma dinâmica de amigo secreto durante o Natal. Fazia-se um sorteio, tentavam descobrir o que a pessoa que lhes tinham saído gostava e enviavam uma prenda de Natal. Em 2012 o interesse foi tão grande que essa pessoa teve de pedir ajuda para manter a brincadeira. E quem é que veio ajudar? Os CTT lá do sítio **VER MAIS**. Então agora, são os próprios serviços de correio da Nova Zelândia que organizam o "amigo secreto". Neste último natal a dinâmica envolveu, em números redondos, 2000 pessoas **VER MAIS**. Duas mil pessoas que quiseram investir um pouco do seu tempo para ficar a conhecer melhor um estranho de forma a poderem enviar uma lembrança que pudesse ser do seu interesse. E às vezes nem nos damos ao trabalho de conhecer melhor as pessoas que temos ao pé de nós. Não é bonito haver esta dinâmica? Não dá assim um quentinho de esperança boa para 2017? Tentamos isto no próximo Natal cá em terras lusas?:)



Notícias

DA IGREJA QUE NÃO É

Notícia

POR: PEDRO PANZINA

O tema central da coluna de hoje é o Relatório "LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO"

(2016), que nos foi dado a conhecer pela Add to the Church in Need, ACN International ou, como é conhecida entre nós, AIS Ajuda à Igreja que Sofre.

Para efeito do Relatório em apreço, como "liberdade religiosa" entende-se o direito que está inscrito no artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, adoptada e proclamada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 10 de Dezembro de 1948:

"Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou de crença, assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou crença, individual e colectivamente, tanto publicamente como particularmente, pelo ensino, pela prática, pelo culto

e observância dos ritos".

O período a que se refere este 13º Relatório da ACN vai de Junho de 2014 a Junho de 2016 e nele se encontra o resultado da análise feita ao grau de liberdade religiosa em 196 países do mundo, tendo estes sido, em consequência, agrupados segundo três classificações: i) "perseguição", ii) "discriminação" e iii) "não classificado", sendo esta última atribuída aos países onde não há sinais de "discriminação" por motivos religiosos, ou se há sinais, há leis e tribunais a que se pode recorrer, e, muito menos, há sinais de "perseguição" religiosa. A "discriminação" está conceptualmente associada aos actos estaduais que representam intolerância relativamente a um certo grupo religioso, actos tais como leis ou outros normativos que se aplicam apenas aos membros desse grupo religioso e não à sociedade em geral, limitando ou impedindo, por exemplo, o acesso a emprego, cargos públicos, educação religiosa ou liberdade de culto,

ou que representam preferência por certo grupo religioso, neste caso favorecendo os seus membros ou dando-lhes permissões em exclusividade.

Segundo o Relatório, há "perseguição" quando, através do Estado e/ou de actores não estaduais, como grupos terroristas, há um programa activo para, através de actos violentos contra pessoas e bens, exterminar, afastar ou subjugar um ou mais grupos religiosos, minoritários ou não, com vista à implementação de zonas de religião única. Esta é a mais grave das categorias de violação dos direitos religiosos e o próprio Estado pode dela ser vítima.

Dos 196 países analisados, 38 evidenciam a existência de violações graves da liberdade religiosa, 23 destes sob a classificação de "perseguição" e os 15 restantes sob a classificação de "discriminação".

Não há como fugir a esta conclusão: na maioria e nos mais graves dos casos, o que está em causa é a violação perpetrada por grupos extremistas



ou hiperextremistas islâmicos, de que são exemplos extremos o que se passa no Afeganistão, no Iraque, no norte da Nigéria, na Somália, na Síria e na Arábia Saudita, sendo que alguns desses actos estão já enquadrados como genocídios.

Mas, para se perceber que as fontes de violação grave da liberdade religiosa, sob a classificação de “perseguição” têm outros símbolos religiosos, não se ignore a situação que se vive na China, na Índia, na Coreia do Norte ou em Mianmar.

O Relatório consagra algum espaço ao estudo de casos exemplificativos de violações da liberdade religiosa, acontecidos no Iraque, no Quênia, no Reino Unido, em França, em Mianmar e na China.

De grande relevo e não despidiendos, são os exemplos dados no sentido de aproximação entre as religiões e de fomento do diálogo inter-religioso, os grandes sinais de esperança para os amantes da liberdade e da paz, como a Declaração de MarraKesh, Marrocos, adoptada por académicos muçulmanos de 120 países que ali reuniram durante três dias e que exorta os estados muçulmanos a protegerem da perseguição as minorias de outras religiões, como a realização de um torneio de futebol entre equipas formadas por muçulmanos e por cristãos, organizado com o

patrocínio e empenho dos respectivos líderes muçulmanos e do Bispo católico de Faisalabad, ou o encontro ocorrido no Vaticano entre o Papa Francisco e o Grande Imã da Mesquita Al-Azhar do Cairo, encontro que foi tido como o primeiro entre o líder da Igreja Católica e a mais importante autoridade islâmica sunita.

A sensação que o Relatório nos transmite é de que mais, e muito mais, tem de ser feito para terminar com este cortejo de vítimas de “discriminação” e de “perseguição” por motivos religiosos, de violações à liberdade religiosa.

Não podemos permitir, quanto mais não seja com as nossas orações para que tal não aconteça, que uma minoria religiosa, os yazidis, predominantemente localizados no Curdistão, esteja em risco de desaparecer.

Não podemos ficar insensíveis à informação segundo a qual, em 2016, cerca de 90.000 cristãos foram mortos por professarem a sua fé, ou seja e por outras palavras, a informação de que em cada 6 minutos um cristão foi morto num qualquer lugar do mundo, ou a informação de que mais de 500 milhões de cristãos em todo o mundo não podem professar livremente a sua fé, ou a conclusão de que os cristãos são o grupo religioso mais persegui-

do em todo o mundo, incluído a informação de acordo com a qual o número de cristãos de Aleppo está reduzido a 20%.

O sacerdote católico da Síria, Padre Jacques Mourad, que se afirma como sendo alguém que se dedica “simultaneamente à sobrevivência do Catholicismo neste nosso centro nevrálgico bíblico e à causa da construção da confiança e do entendimento entre cristão e muçulmanos”, defensor de “uma revolução contra a violência”, esteve preso durante cinco meses nas mãos do auto designado Estado Islâmico (EI). No oitavo dia do seu encarceramento, o Governador de Raqqa, transformada em capital do EI foi visitá-lo à sua cela e convidou-o a considerar o seu cativo como um retiro espiritual. Conta o Padre Jacques Mourad: “Estas palavras tiveram um grande impacto em mim. Fiquei espantado por ver que Deus conseguia até usar o coração de um alto responsável do EI para me enviar uma mensagem espiritual. Este encontro marcou uma mudança na minha vida interior e ajudou-me durante o tempo em que estive preso. Teria sido muito fácil ceder à raiva e ao ódio pelo que me aconteceu. Mas Deus mostrou-me outro caminho”.

“Aquele que tiver ouvidos, oiça” (Mt 13,9)



ALCINO FRAGA CSSR

Nesta segunda edição da Miriam Online, convidámos outro missionário redentorista, o P. Alcino Fraga, a "conversar e partilhar" com os leitores.

Foi ordenado em Março de 1970. Todo o seu ministério se inscreveu no espírito da Missão itinerante que desde a origem tem sido tipicamente Redentorista, inspirado na itinerância de Jesus de Nazaré ao anunciar o Reino de Deus, não só aos da casa de Israel, mas na Galileia dos gentios, na Samaria, em Tiro e Sidon, na Síria...(Fenícia)

O P. Fraga fez parte, durante vários anos, da Equipa Redentorista da Missão itinerante e também andou a anunciar a Boa Nova do Redentor por terras da Gália e da Helvécia. Diz sentir-se feliz de estar a pertencer à Comunidade Redentorista do Porto; antes de chegar aqui, fez parte da Comunidade de Guimarães, Castelo Branco, Lisboa e...Damaia, chegando a bom PORTO, em meados de Setembro último.

1. **Há um antes e um depois de Jesus na sua vida?**
2. **O que o envaidece na congregação Redentorista?**
3. **Conte-nos um episódio marcante da vida redentorista?**
4. **Quais as principais vantagens e maiores desafios de viver em comunidade?**
5. **Olhando para a sua vida como redentorista, o que deixa mais saudade?**
6. **Um projeto que gostasse de ver concretizado.**

Olá, todos! Recebam fraternas saudações da Família Redentorista do Porto e arredores! Escrevi este testemunho uns dias depois de celebrarmos o Natal acolhendo na vida e no coração o Menino. Deus, Jesus menino. Agora, deixemo-lo crescer e que nós crescemos com ele "em sabedoria, em graça e em "estatura" de homens novos" Bom Ano de crescimento!

1. Resposta à primeira pergunta. (Pela resposta, tentem adivinhar a pergunta!):

Não me parece, ou pelo menos não me lembro, que alguma vez Jesus e eu tenhamos pegado na agenda e marcado encontro tal dia, a tal hora e em tal sítio! Fomo-nos encontrando, conhecendo, "telefonando", Ele foi-me mandando uns SMS (foi sempre ele que teve a iniciativa). Até que um dia que eu não sei quando foi, mas creio que foi "in illo tempore", vai daí, e meio à queima roupa, perguntou-me se eu aceitava pertencer ao número "daqueles que

Ele escolhe". Isto foi-o fazendo através de pessoas, de sinais, da vida, dos acontecimentos, dando tempo ao tempo. Nós não nascemos feitos, vamo-nos fazendo. A vocação foi-se formando e crescendo, acontecendo, no meio de dúvidas, de interrogações até que amadurece ou vai amadurecendo. Então, não se namora antes de se casar, e mesmo depois de casados não continuais a namorar e a melhor vos conhecer? Tudo é processo de crescimento para.

2. Resposta à segunda pergunta. (Pela resposta, tentem adivinhar a pergunta!):

Envaidecer-me por ser Redentorista?

Ser missionário Redentorista é dom, porque é convite e chamamento. Porque é que me vou envaidecer do que me foi dado? Feliz, sim; agradecido do Senhor por esta graça e este miminho, também. Ser Redentorista é uma paixão e uma exigência que nos advém do convite e do apelo feito para anunciar, em congregação, a Boa Nova de Jesus, Abundante Redenção. E os pobres são os nossos destinatários, porque eles não têm nada cá do sítio, mas têm um coração aberto e sedento ao amor de Jesus. Ele veio para todos, mas são eles que o recebem e acolhem com mais alegria. Saberem que são preferidos de Jesus e dos seus enviados, que nós, sim, os amamos de coração e em verdade, revivem e proclamam que desde que conhecem a Boa Nova, já não são pobres, porque já se sentem por dentro do Reinado de Jesus. Desde que Jesus morreu na periferia dos centros, o centro da vida está nas periferias.

Foi esta a “paixão” de Jesus Redentor, foi esta a “paixão” de Sto Afonso e da Família Redentorista que “ELES DERAM À LUZ”. Ser Redentorista, consagrado ou leigo, não pode ser uma aventura pessoal, ou melhor, individual. É da família Redentorista, toda inteira. O Senhor mostrou-se presente e visível nos nossos irmãos-companheiros. “Que bom, meu Senhor, é saber que nunca estou só, pois estais comigo...Que bom é saber, meu Senhor, que és o meu melhor amigo!”

No Senhor estão os meus irmãos e companheiros Redentoristas e o Senhor está neles. Nisto, tenho “ vaidade”: em ser membro deste corpo que é a Congregação Redentorista, “os congregados pelo Redentor”.

3. Resposta à terceira pergunta. (Qual é a pergunta? Descubram!):

Não um, mas 2 episódios, ocorridos em 2016 e contados em forma breve:

a) O próprio mo confiou. É um jovem padre, de 38 anos. “Sabe, Pe. Fraga, Deus fez-me sinal de chamamento quando você era um jovem padre missionário. Encantou-me a sua alegria e a sua felicidade de o ser. Você faz parte das minhas “origens”, e do meu ser de hoje, porque me apontou o “caminho”. Senti-me contagiado!” – Você não se terá enganado na pessoa? -perguntei eu!

b) A data já pertence ao passado, mas o que aconteceu naquele dia (9 de Novembro de 2016) pertence ao “midrach”, o maravilhoso, ao extraordinário: nessa tarde nasceu o futuro que tem um nome lindo: a esperança-certeza: é que naquela tarde única, 24 Missionários Leigos do Santíssimo Redentor começaram a caminhada como primeiro grupo em formação inicial (até 2018). Naquela tarde, ao anoitecer, a luz aumentou em vez de diminuir. Até as paredes estremeceram de emoção e de alegria.

Bendito seja Deus pela vossa maravilha!

NUMA PALAVRA..

Um livro:

“L’âme du Monde” de Frédéric Lenoir

Citação Bíblica:

“Estarei sempre convosco” – Jesus de Nazaré

Uma pessoa:

Santo Afonso Maria de Ligório

Uma personagem bíblica:

S. Paulo (e a sua reviravolta!)

Uma música:

“O Messias” de J.F. Haëndel

Um lugar:

S. Leonardo de Galafura (Douro)

Uma característica Redentorista:

a cumplicidade dos Redentoristas e das gentes simples

Sois a alegria de muita gente!

4. Quarta e última Resposta (por hoje já chega!) E então? qual é a pergunta?

Quando ficamos doentes é que nos apercebemos de quanto vale a saúde...

Creio que a comunidade é uma referência de vida incontornável. Ela é o espaço, melhor diria, o único espaço para nos realizarmos como missionários, e como consagrados, tanto na dimensão pessoal como grupo congregado para a missão. Em comunhão de vida só temos a ganhar.

O desafio é permanente: estar sempre atentos aos apelos e aos sinais que nos são feitos para nos sentirmos enviados aí, no tempo que nos faça viver. Isto exige atenção, poder de observação, reflexão e, depois, agir. Ver, ouvir, reflectir e agir.

Estão a fazer-se e a cumprir-se muitos sonhos; mas ainda há muito que fazer e muito que trabalhar. Falta-nos sempre cumprir o futuro a partir do presente. E a propósito de tudo isto, gostava de vos deixar aqui umas “dicas” de um sr. Bispo da América Latina: o PASSADO chama-se MEMÓRIA: pela memória, trazemos o passado ao tempo presente; o FUTURO chama-se ESPERANÇA: ela faz-nos sonhar e viver no presente; e depois, há também o PRESENTE...e o “presente” (a dádiva, o dom de Deus, da vida) somos cada um de nós para o outro, para os outros, no PRESENTE que nos toca viver.



DICIONÁRIO REDENTORISTA

ESPERANÇA

Em sua obra *Palavras de Espiritualidade*, Enzo Bianchi submete a Igreja a um teste propondo algumas perguntas dentro do contexto da esperança. Poderíamos fazer as mesmas perguntas à nossa Congregação: A Congregação é capaz de abrir perspectivas de sentido? A Congregação sabe como fazer da sua esperança da vinda do reino a fonte de sua vida? A Congregação sabe dar esperança à vida das pessoas, e mostrar que vale a pena viver e morrer por Cristo? A Congregação tem como convocar as pessoas para uma vida que é repleta de beleza, felicidade e significado, porque é cheia de esperança, como era a vida de Jesus de Nazaré?

A questão da esperança é particularmente crítica no contexto do desespero. E muitos querem descrever a nossa época como uma era de desespero. A instabilidade política e, mais recentemente, o colapso econômico global, apenas reforçam a sensação de desesperança contra insuperáveis desigualdades. Algo desse desânimo pode respingar na Igreja. Tantos episódios chocantes e escândalos que acontecem no seio da própria Igreja, muitas vezes enfraquecem a nossa frágil compreensão do mundo da fé, da esperança e da caridade.

Na nossa Congregação, por exemplo, o que está acontecer um pouco por todo o mundo, nas mais de 700 comunidades em que estamos presentes, dá-nos sinais de esperança, sobretudo em territórios africanos,

asiáticos e latino-americanos. Por outro lado, na Europa e na América do Norte, a idade avançada de muitos confrades, juntamente com o declínio no número de novos membros, ajudam a gerar, se não o desespero, pelo menos, um desânimo ou abatimento entre muitos. Daí a pertinência das perguntas de Bianchi, e não devemos ter medo de vivermos na tensão destas interrogações vitais.

REDESCOBRIR A CENTRALIDADE DA ESPERANÇA

Em nossa tradição judaico-cristã, a esperança nunca foi apenas uma virtude. A esperança é constitutiva da nossa Tradição. Tudo em nosso relacionamento com Deus é permeado de esperança: o Êxodo, a Aliança, a Terra e a Promessa. O próprio Jesus, é “o esperado”, que nisso consiste chamar-lhe Messias.

O primeiro Testamento olha para o futuro com esperança, prepara para o Testamento definitivo. A Nova Aliança em Jesus é o cumprimento e também a antecipação da esperança de Israel. A Esperança do Novo Testamento está já realizada e, simultaneamente, ainda não plenificada. Até que Deus seja tudo em todos, vivemos num tempo “Já e Ainda Não”. O reino de Deus já está aqui, e o Reino de Deus está chegando ainda. Por isso vivemos nele e colaboramos com ele, enquanto isso, o suplicamos e desejamos: “Venha a nós o Vosso Reino”.

A teologia medieval teve um olhar investigativo sobre a esperança, dissecando-a em ideias claras. Tomás de Aquino, sobre a natureza da esperança, ajudou a esclarecer o essencial: a orientação para Deus como futuro. Mas, enquanto os teólogos estudavam a natureza, o sujeito, o objeto e as metas de esperança, a religião popular corria por outros caminhos, e ligava-se fundamentalmente ao medo e ao pavor.

Influenciada mais por este ambiente do que pelos teólogos, a pregação popular deixou-se cair também neste enredo do medo e das ameaças, entre avisos bem descritivos e detalhes gráficos pormenorizados sobre infernos e condenações. A beleza da esperança desapareceu da consciência cristã justamente num tempo em que era mais necessária. Por isso, foi tão importante no séc. XX o trabalho de teólogos como Moltmann, Metz, Rahner, Segundo e outros, porque foram eles que ajudaram a recuperar a importância crucial da esperança.

O Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, tentou manter o equilíbrio entre a esperança e a angústia, para oferecer à humanidade uma visão de um mundo em processo de ser redimido. Numa situação intermédia entre a esperança e a ansiedade outros significativos arautos da esperança cristã foram as assembleias da Conferência dos Bispos Latinoamericanos de Medellín (1967) e Aparecida (2007).

O resgate da esperança tem de envolver um profundo exame sobre onde a esperança é colocada. O salmista nos lembra: “Não ponhais vossa fé nos que mandam, não há homem que possa salvar. É feliz todo homem que busca seu auxílio no Deus de Jacob” (Salmo 146).

Para os cristãos a esperança tem um rosto humano: o rosto de Jesus. Escrevendo a Timóteo, Paulo descreve-se como um apóstolo “de Jesus Cristo por ordem de nosso Deus e salvador, e de Jesus Cristo, nossa esperança” (1Tm 1,1). Jesus é a nossa esperança, não só no sentido de que aguardamos seu retorno na glória, mas também que nele está todo o nosso futuro, nossa glória e nossa paz. A dependência total de Jesus torna-se uma atitude (virtude) quotidiana e a base implícita de tudo o que somos e fazemos.

CONTEXTOS PARA CRESCER NA ESPERANÇA

O primeiro contexto no qual se aprende a esperança é a oração. Em nossas Constituições, fé, esperança e caridade estão ligadas (Const. 20) a uma vida de oração perseverante. Orar é esperar. Se perdermos a tradição da oração, dificilmente podemos esperar crescer na esperança. Poderíamos adaptar o lendário ditado de Afonso sobre a oração e dizer: “A comunidade que reza, cresce na esperança; a comunidade que não reza, perde a esperança”.

O segundo contexto para o crescimento na esperança é “ação e sofrimento”. Por outras palavras, encostar a vida às feridas do mundo, e testemunhar a partir dessa proximidade e presença, a Abundante Redenção de maneira prática e solidária. Apregoar o Evangelho, especialmente aos mais abandonados, é certamente esperança em ação. A coragem de proclamar a boa nova, a tempo e fora de tempo, quando é bem-vinda ou não, nasce da esperança e do amor apaixonados. O nosso ministério em favor dos últimos, e com eles, dá testemunho da esperança que está dentro de nós (cf. 1Pd 3,15); somos chamados (Const. 43) para sermos “testemunhas vivas da esperança”, como fermento no mundo e um “sinal de esperança” (Const. 65) para os pobres.

Não tenhamos dúvidas: aproximemo-nos com humildade e coragem do mundo dos últimos, e eles nos dirão o que é para fazer e dizer. O Evangelho fica claro quando o vivemos de maneira concreta num mundo ferido, junto daqueles que mais se doem. Os simples nos abrirão sempre os caminhos da evangelização e os angustiados, na sua necessidade radical de esperança, nos mostrarão qual é a nossa missão como Testemunhas do Redentor.

Sean Wales cssr
Missionário Redentorista da África do Sul

EVANGELIZAÇÃO E ESPERANÇA

“AI DE MIM
SE NÃO EVANGELIZAR!”

POR: ACÁCIO MATOS CSSR

Algumas perguntas cristalinas: se existem tantos caminhos para chegar a Deus, que sentido tem a evangelização? Se já não se afirma que “fora da Igreja não há salvação”, então porque chamar à Igreja os não-crentes? Se podemos viver felizes sem-Deus, para quê anunciar o Evangelho? Na cultura do individualismo, tem lógica anunciar uma experiência com acentos tão fortemente comunitários?



"ai de mim se não evangelizar!"

1 - O "ai" em epígrafe corresponde à paixão de Paulo, anunciar ao mundo o "seu" encontro com o Senhor Crucificado. Ou seja, evangelização e anúncio correspondem-se. Neste tempo de desencontros entre o Eu e o mundo, notamos que é preciso uma nova explicitação da Palavra... de Deus. A Palavra é a "fonte" da evangelização: "a fé vem do anúncio e o anúncio pela Palavra... de Jesus". Sem a escuta ou o shêma da Palavra a evangelização é uma miragem. Agostinho desabafa, tão linda e intensamente, deste modo: "poderíamos pensar que a vossa Palavra se tinha afastado da união com o ser humano e 'desesperado' de nos salvar, se não se tivesse feito homem e habitado entre nós". Isto significa que a Palavra na evangelização tem o rosto e a carne de Jesus.

2 - Mais do que estratégia eclesial, a evangelização é uma ação de Jesus na força do Espírito Santo; ação que, pelo nosso testemunho, é geradora de comunidade e de esperança. Como diria o poeta: "precisamos de alguém que em pleno inverno nos ensine a trazer no coração a primavera a arder". Os pagãos (?) pediram aos Seus discípulos: "queremos Ver Jesus", isto é, queremos Ver a esperança. Por isso, sempre que acontece evangelização, floresce a esperança onde acontece, no chão da vida de muitos. Toda a verdadeira evangelização bebe na evangelização de Jesus, naquelas palavras e sinais que apontavam para o "ainda não" do Reino, para um horizonte escatológico, para uma plenitude de vida e sentido. Assim, esta presentificação da vida, onde o que conta é o momento, é o viver na horizontal o tempo todo, é uma tristeza, algo teologicamente depressivo! Para

acharmos um mínimo de alegria e esperança, precisamos daquele Anúncio que nos faça levantar o olhar para o acontecer "em plenitude" do Reino de Deus, para uma "vida eterna" para todos. A evangelização tem de se preocupar, acima de tudo, com o ir desvendando ao mundo a dimensão pascal das coisas, acreditando nós que o Seu amor venceu a morte e os seus servidores... e que um mundo melhor existe.

3 - Isto mexe com a cultura. Cultura são muitas coisas... Paulo, apóstolo enviado ao universo pagão, teve de dialogar com correntes filosóficas, grupos sectários e mentes poéticas, para poder evangelizar. Isso é mexer com a cultura, com o mundo dos saberes e dos hábitos arreigados. Numas sociedades tão laicas e plurais, como aquelas em que vivemos, o processo da evangelização a iniciar, inicia-se pela "relação pessoal", baseada mais na Escuta do outro que na propalação de um conjunto aprendido de verdades. Conectar com o espírito do outro, na diferença, é o caminho a trilhar para novas aprendizagens e abordagens no campo da fé. Desde o I século que o cristianismo é essencialmente plural. Logo o "investimento pastoral" será na criação de espaços comunitários de comunhão, onde o conhecimento do outro, crente ou não-crente, é fundamental para a evangelização hoje, porque, deste modo, estamos a mostrar que acreditamos num único Deus com diversíssimos rostos, mas com um só e único jeito de amar. Por outro lado, a experiência histórica diz-nos que há uma demanda de espiritualidade, uma sede de esperança qualquer nos corações, talvez mais efervescente que profunda, mas há essa sede de "uma" esperança que dê resposta aos problemas que a todos dizem respeito: do fanatismo ao ambiente, do emprego à saúde, do segredo do amor no casamento a uma espiritualidade poderosa. Isto





quer dizer que, na evangelização, não podemos viver alienados desta premissa: o ser humano é um eterno sedento, um eterno buscador. Estamos preparados para beber goles grossos de outras experiências de vida, de outras riquezas espirituais, para poder anunciar a Boa e Bela notícia?

4 - Outro aspeto da evangelização na sua relação, sempre viva, com a esperança, é a "parcialidade" de Deus. No seu amor, Deus opta pelos pobres, doentes, condenados do ponto de vista moral, sobrecarregados de impostos, pelos que morrem antes do tempo, pelas vítimas inocentes... "Deus parcial" é a grande verdade dogmática acerca de Deus na história da salvação, na história da interação de Deus com o mundo, que tem sido particularmente duro e injusto e doloroso e desesperante para os pobres. Foi por isso que Santo Afonso, possuído de um novo olhar em pleno século XVIII, fundou uma congregação de companheiros, os missionários redentoristas, para pôr os pobres no centro da evangelização. Dizia a Laura Ferreira dos Santos que "só um cristianismo sensível às feridas e ao sofrimento humano dos pobres o tornará numa grande energia crítica e emancipatória".

5 - Porém, para suportar a evangelização, numa mescla de objetividade pastoral e sonho profético,

precisamos de cuidar do nosso "enraizamento". Por miúdos, da nossa vida espiritual. Embora sabendo que o evangelizador, no sentido genuíno, é aquele que anda com as raízes às costas! "Que fostes ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento?" Para não ser "cana" agitada pelas sabedorias fechadas, as promessas ilusórias, as modas que passam e as luzes que depressa se dissipam, o evangelizador precisa de viver imerso em Deus, no oceano da sua vontade, diante do seu amor in-compreensível. O mesmo Santo Afonso, numa linguagem datada, dizia que "quem reza salva-se, quem não reza condena-se". Por outras palavras, condena a evangelização à irrelevância! Como podemos falar de Deus a quem quer que seja, vivendo num mundo tão escrutinador e exigente face ao religioso, se não temos Deus-conosco em forma de experiência pessoal e orante? Ter uma vida espiritual, íntima, teresiana, com Deus, na sua nudez e amor, é a âncora imprescindível para poder evangelizar sem nos afundarmos no meio do tumulto.

6 - Portanto, é a experiência vital de Jesus que faz a evangelização acontecer e despertar os mundos para a esperança. Mas isto não se faz hoje passando por cima da "textura emocional" das pessoas. No tempo de Esdras vemos que, diante da Palavra celebrada, foram a comoção e as lágrimas que construíram a

comunidade! Pedro, depois do primeiro Anúncio, viu que as suas palavras "emocionaram-nos até ao fundo do coração". De facto, uma evangelização intelectualóide torna-se insuportável! Os estudos mais recentes em neurociência têm posto de relevo o papel determinante das emoções no campo da decisão e do comportamento em geral. Se o anúncio do Evangelho apela ao coração, ao arrependimento, à mudança, à entrega incondicional, ao âmago da vida... e se depois esvaziamos a fé das emoções, estamos a transformar a evangelização num deserto árido, num espaço de não-vida, porque a pessoa é inteligência emocional. Há lágrimas mais sábias e intuitivas, acerca das coisas de Deus, que muitos volumes de teologia e pregação elaborada!

dos eternos buscadores? Segundo Dietrich Bonhoeffer, a Igreja "deve participar nos compromissos mundanos da vida da comunidade, não dominando, mas ajudando e servindo, isto é, existindo para os outros". Para evangelizar, como quem dá "razões da sua esperança", temos, portanto, de aprender a gramática da humildade diante das mais pequenas e profundas esperanças de cada próximo.

Ponto conclusivo. Só podemos acreditar numa evangelização "despertadora de sementes"! Pelos frutos seremos conhecidos! Não que a evangelização tenha de depender de um quantitativo, estatísticas ou eficácia, para acontecer evangelização em Seu nome. O próprio Jesus sonhou (?) uma Igreja que fosse um "pequeno rebanho". Desde cedo me habituei a não valorizar uma evangelização resultadista,



7 - Para "que a Palavra esvaziada seja a corrente e a corda da água que nos salva", temos de reaprender o "como", porque do "como" depende a fé, que não é só questão de conteúdo, mas também de "estilo". Se por detrás da evangelização há um estilo fechado, arrogante e auto-centrado, a evangelização reduzir-se-á a uma feira de vaidades! "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração". Do estilo de Jesus, aqui expresso e simbolizado, depende toda a evangelização! Quando reparamos em atitudes de frieza e intolerância, de auto-suficiência e incapacidade de escuta, tudo se complica e comprometemos a esperança nesse mundo-a-vir pela ação do Espírito Santo. Não será que a Igreja, pelo "seu" estilo, se converteu para muitos no principal obstáculo para a fé jesuânica desabrochar no coração dos eternos sedentos,

talvez como resultado da minha evangelização corpo-a-corpo pela geografia alentejana. Os melhores frutos, os mais densos aliás e os mais perfumados, estão no "pouco" ou "no quase nada"! Esta perspetiva quase mística da evangelização sempre me apaixonou. Mas esta não invalida em nada o desejo firme de uma evangelização que deixe sementes a germinar e frutos a amadurecer, certo? Conta-se que antes do seu encontro com Jesus, os efésios estavam "sem Deus e sem esperança no mundo", estavam às escuras! A quem O encontrou... evangelize e alegre-se na esperança, para que o nosso mundo "pule e avance" de novo. E, assim, deixemos a nossa marca por Jesus neste baldio de afetos e ardência.

QUE A PALAVRA ESVAZIADA
SEJA A CORRENTE E A CORDA DA ÁGUA
QUE NOS SALVA

SÓ PODEREMOS ACREDITAR NUMA
EVANGELIZAÇÃO

Despertadora
de Sementes

PELOS FRUTOS
SEREMOS CONHECIDOS

A QUEM O ENCONTROU... EVANGELIZE
E ALEGRE-SE NA ESPERANÇA,
PARA QUE O NOSSO MUNDO
TOLE E AVANCE DE NOVO

POR: CÁTIA FERREIRA

O CAVALEIRO DA DINAMARCA DA DESESPERANÇA À ESPERANÇA, UMA HISTÓRIA DE AMIZADE

Eram quase quatro da tarde, e apesar do frio de inverno João esperava os amigos que em breve chegariam da escola para mais uma partida de basquete. Às terças e sextas, quando conseguiam libertar-se do estudo, dos testes, das atividades extracurriculares que uns adoravam e outros nem por isso, os três amigos juntavam-se no pátio atrás da igreja para encestar a bola. Naquela tarde o sol pintava o céu de cores laranja fogo que não se intimidavam com o frio do inverno. Miguel e Inês chegaram em amena cavaqueira. João, batia a bola contra a parede e parecia mais distante do que a Lua em Saturno.

- Que se passa amigo- perguntam os companheiros - o que tens hoje?

- Hoje na escola aconteceu uma coisa que me deixou triste. Já vos tinha dito que estávamos a ler aquele livro, "o Cavaleiro da Dinamarca", e até estava a ser fixe, mas hoje a professora pediu-nos para fazer um trabalho de grupo e eu fiquei com o Francisco. Ele estava um pouco estranho e triste. No início até pensei que pudesse ser de estar comigo pois eu não faço bem o estilo dele, ou até podia ser porque a professora nos pediu para fazermos um poema e isso é uma coisa que a nossa turma não gosta muito de fazer. Mas eu depois ganhei coragem e perguntei-lhe: "O que se passa Francisco?". E ele respondeu-me que o seu pai está desempregado e já perdeu a esperança de arranjar emprego por aqui, e talvez vá trabalhar para a Suíça. A mãe dele é enfermeira e trabalha por turnos e se assim for quando ela for trabalhar à noite ele vai ter que ficar com os irmãos na casa de um dos tios, vai ser cá uma reviravolta. Haviam de ver a tristeza em que ele estava, por isso até ficava revoltado com a história do Cavaleiro que encontra o caminho para casa. Diz ele que a esperança não passa de mais uma treta de sonhadores. Com tudo isto nem terminamos o trabalho e eu não sei que faça para o animar. Miguel e Inês sugeriram ao João convidar o Francisco para juntar-se ao grupo na próxima terça e já tinham uma ideia.

- Mas o que estão vocês a magicar?- perguntou o João.

Então a Inês explicou:

- É natural que o Francisco esteja triste pela situação que está a viver, mas temos que mostrar-lhe que a Esperança não é uma treta de sonhadores, mas é bem real, como o Sol quando anoitece, não o vemos, mas ele continua lá, não desapareceu assim, temos esperança ajuda a acreditar que tudo pode ser melhor. -Claro que sim- diz o Miguel- é como acreditar que sempre que atiro a bola existe a esperança de marcar um ponto, certo Inês?

-É isso e mais, temos sempre os amigos com quem desabafar sobre aquilo que nos incomoda. Isso sim ajuda a manter a esperança. Por isso João, já sabes, convida o Francisco -disse Inês.

No caminho para casa o João já se sentia melhor. Era realmente bom poder ter estes amigos e sentir-se com esperança para conseguir ajudar o Francisco. Naquela noite até conseguiu começar o trabalho de português



Na linda noite
Na noite de Natal
Aconteceu uma coisa
Fora do normal
O cavaleiro anunciou
Que iria partir
Para a gruta onde Jesus nasceu
Quando a neve parasse de cair
Chegando à Dinamarca
Na floresta se perdeu
Viu uma luz ao longe
E a Deus agradeceu
Essa luz iluminou
E a sua casa chegou
Passado dois anos
A sua família abraçou.

POR: UBAM INDJE (GUINEENSE, CATECÚMENO)

Depois de sete anos fora da **tabanka**, quando se volta encontra-se a terra mais mole. Os pés afundam mais, o corpo enterra, pede licenças para se plantar de novo. O chão abre-se, com fome dos seus, e a nossa carne entrega-se, ansiosa, angustiosa, cheia de rebentos novos prontos a dar raiz.

Ocupava quase todo o tempo, por esses dias, conversando com os **Garandi**: temos que perguntar aos velhos quem somos. Eles é que sabem. E eles sabem porque também não falam de si mesmos. Contam passadas que outros lhes contaram e transmitem o que receberam, como se não tivessem eles mesmos passado pelas coisas. Gente que andou com a vida ao colo e tem para mostrar os vinhos que ainda estão frescos na pele. Falam dos antepassados como se tivessem ido com eles à caça e mostram o que diz a boca de Deus como quem pouso o dedo no lugar certo do mapa até de olhos fechados. As coisas invisíveis que há no mundo são menos invisíveis para eles que para outros. Porque os olhos dos velhos dão para dentro. É por isso que com o passar do tempo os olhos parece que se gastam. Mas não é isso. É que ficam só as costas dos olhos a dar para fora do corpo. Os olhos estão bons, mas viram-se para dentro, como bicho-de-toca. Os olhos são como as lembranças dos velhos: boas e frescas são as de longe, as antigas. O que fizeram esta manhã já não conta, e a palavra que estava ali mesmo à mão perde-se num instante. Vê-se bem é ao longe.

Os Garandi contavam-me as histórias do sangue, as lutas em que herdámos os sinais e as poses e as pessoas mais antigas, que nos ensinaram a dançar. Antes dos irmãos brancos virem aqui e ficarem sem palavras diante do poilon que está na baloba de Unthaii, nós já fazíamos as coisas que fazemos hoje e esperávamos o que os velhos ainda nos mandam procurar.

Num dia de **bafatório** em que estava o Suleiman, a conversa parou nele, quando alguém disse que agora era "cristão". Era meu **colega**, não tinha ainda o corpo seco de

quem já olha as palmeiras de baixo e as lê do chão, sem as subir. Mas as palavras dele, quando começou a contar, eram pesadas como as deles. Só os velhos tinham palavras assim, com osso e carne e pele e peso, como gente. Dizia O Nome daquele "Jesus" como alguém que tinha trazido pegado ao corpo, que lhe ficara agarrado à vida. Aquele Nome tinha cravado nele os dentes como **ka-kuba**, mas nessa mordedura dava-lhe vida e enchia-o de sangue novo. Alguém lhe perguntou pela raça, e ele disse que o Jesus era de raça de profeta. Há-os de todos os sangues e línguas, mas dele os antepassados eram judeus, povo mais antigo que o nosso. Começou a contar histórias desse Homem, e falava dele como os Garandi contavam dos nossos antepassados: sem ter andado com ele, dizia coisas de quem tinha andado com esse Homem lá nos distantes, e fechava os olhos quando queria pôr na nossa boca as palavras que tirava de dentro dele. Era como comida que se tira do próprio papo para pousar no bico dos outros. Foi isso mesmo naquele bafatório, com todos à volta do Suleiman daquela maneira, como já tinha visto tantas vezes noutros ninhos. As palavras saíam-lhe vivas, quentes, mastigadas, como coisa dele, e não nos cabiam nos costumes. Não tínhamos orelhas para ouvir aquelas coisas. Era assunto de ouvir com os olhos. Eu tinha os olhos totalmente calados.

O Suleiman, nesse dia, abriu um rasgão no meu espírito, uma entrada de alto a baixo. Por causa das coisas que contava que o Jesus dele fazia. Dos nossos Garandi, guardávamos mais o que diziam. Eram as sentenças deles que os distinguiam de nós, porque faziam o mesmo que quase toda a gente. A diferença era o que tinham aprendido disso. O Suleiman não nos dizia sentenças desse Homem, mas contava-nos as coisas que ele fazia. E as coisas que lhe faziam a ele. Pousou a colher na **cabás** que estava no meio e, com o dedo, desenhou no chão uma cruz. Foi assim que quiseram acabar com ele. Os do seu próprio povo!

Ele era famoso por fazer o bem. Só

o bem! Mas parece que não o fazia bem, porque o apanharam depressa.

A conversa durou muito depois de termos acabado o arroz e o peixe. Nesse dia, um clarão atravessou-me inteiro. Eu não sabia o que era nem porquê, mas eu queria dentro de mim aquele lugar onde o Suleiman ia buscar aquelas coisas quando fechava os olhos. Quando ele fechava os olhos enquanto falava, eu sabia que ele tinha ido lá dentro enquanto continuava a dizer coisas. Mantinha só os lábios à tona do corpo mas ia todo lá dentro encontrar-se com alguém que lhe dava palavras novas e mostrava coisas lindas e verdadeiras. Eu queria esse lugar dentro de mim também. Queria em mim o que morava nele. Fechava os olhos, como ele, mas a cabeça pairava. Os pensamentos pareciam **lubus** assustados com tiro, um para cada lado. O meu corpo estava cheio de fugas, buracos, folgas.

Estive junto do meu colega como se me sentasse aos pés do poilon sagrado e dançasse na baloba. O que ele contava era como aguardente de cana, e o ar tinha ficado tão leve como quando as **napena** faziam os seus encantos. Na altura não sabia mais que ficar inquieto com esta paz. Não brinco: era a paz que me inquietava. Como naquelas horas das caçadas em que, feito o cerco, ficamos nervosos com aquele silêncio que precede o grito de ordem, um silêncio quase impossível, insuportável, premonitório. Emboscado. Estava emboscado? Transpirei e dei voltas toda a noite. E o silêncio... "aquele" silêncio... Estava a fechar-se sobre mim o abraço que havia de mudar a minha vida. Mas, naqueles inícios, todo eu vigiava, em angústias, farejando cercos. Foi o princípio da minha conversão. Pude dormir quando me rendi e decidi dentro de mim ir conversar com Suleiman pela manhã. E Deus, que rondava pelo mato, riu. E deixou-me dormir.

tabanka: aldeia, pequena povoação

Garandi: os mais velhos, os sábios (também pode significar os antepassados)

poilon: árvore grande, embondeiro

baloba: terreiro sagrado, na mata, onde se cumprem os rituais tradicionais

bafatório: refeição leve, à maneira de lanche, partilhada ao ritmo de boa conversa

colega: da mesma idade

kakuba: serpente muito venenosa, que anda sempre de dia, e cujo veneno provoca rapidamente paragem cardio-respiratória

cabás: cabaça, casca de grande fruto aberta e seca para servir de recipiente

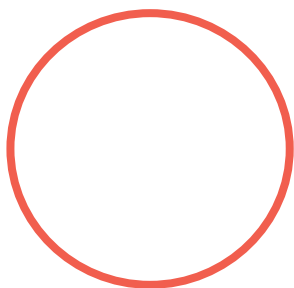
lubus: hienas

napena: "sacerdotizas" terapeutas da etnia mankanhe



MAS NÓS NÃO

POR: JOSÉ SILVA OLIVEIRA



que é a idolatria? Será uma coisa lá da religião para uns. Será um conceito estranho para outros. Será uma ideia distante ou até mesmo ausente para uma significativa maioria das pessoas. "Idolatria" não é uma palavra que esteja na moda. A verdade é que não se fala, não se questiona, não se denuncia. É quase um assunto do passado, não fosse o problema de se revelar tão presente.

A idolatria pode andar longe dos conceitos que muitos utilizam para entender o ambiente em que nos movemos, do mesmo modo que é uma ideia por muitos dispensada para compreender o mundo em que vivemos, mas a idolatria emerge de forma assustadora nas nossas atitudes e nas nossas opções, das mais simples às mais complexas, das mais quotidianas às mais estruturais. A idolatria está aí, continuamente a ser reinventada pelos homens de turno e a contaminar as

teias relacionais de que somos (des)feitos.

A atracção por ídolos é uma realidade milenar que não perdeu actualidade. Sempre destrutiva. Sempre desumanizante. O dinheiro e o poder, talvez os dois ídolos mais famosos da história, continuam a constituir-se como os pontos de apoio nucleares, como as orientações fundamentais das vidas de demasiadas pessoas. E assim se perdem as vidas. E assim se anulam as pessoas. O problema não está nos ídolos, mas na idolatria. O problema não é o dinheiro, mas a obsessão com que o adoramos. O problema não é o poder, mas a submissão com que lhe prestamos culto. Firmar os fundamentos da vida em ídolos equivale a definir como única meta um lugar inalcançável: há sempre mais bens para comprar além dos que já possuiu, há sempre mais poderes para conquistar além dos que já acumulou.

O ser humano que se deixa apagar pela idolatria aceita reduzir a sua existência aos ídolos que adora. Porque os ídolos não apontam para fora de si, não abrem novos caminhos para o ser humano se realizar. Os ídolos puxam para si e esgotam o ser humano em si mesmos. Aqueles dois ídolos famosos, o dinheiro e o poder, fazem com que o ser humano se reduza às posses ou aos pode-

res. Este ser humano já não é; tem. Este ter humano deixa de procurar o outro como alvo de bem querer à medida que vai depositando a sua confiança num banco qualquer. Este ter humano deixa de ver o outro como seu referencial, fechando-se no gabinete da ganância que cega. Este ter humano já não procura, já não vê. Este ter humano já não se relaciona. Este ter humano já só tem.

MAS NÓS NÃO. Nós somos aqueles que acreditamos no Deus de Jesus, aquele que em si mesmo só se entende como relações de pessoas, três pessoas numa perfeita comunhão amorosa. Três pessoas que não se entendem de forma individual, isolada ou fechada. Três pessoas que só se entendem no modo como se comunicam, como se relacionam. E não somos nós criados à imagem e semelhança deste Deus (cf. Gn 1,26-27), o tal que só se entende em relações de pessoas? Como poderíamos, então, usar as pessoas para melhor adorarmos o deus dinheiro? Como poderíamos, então, subjugar as pessoas para melhor prestarmos culto ao deus dos nossos poderes? Como poderíamos, então, perdermo-nos a fazer de ídolos outros deuses para nós? Todos os ídolos são desvios que nos sugam a existência se optarmos por adorá-los. Os ídolos não nos dão sentidos para viver. “Têm boca, não falam; têm olhos, não vêem; têm ouvidos, não ouvem; têm nariz, não cheiram; têm mãos, não tocam; têm pés, não andam; da sua garganta não sai nem o rumor de um sopro! E tornam-se iguais a eles aqueles que os fabricam e aqueles que os adoram” (Sl 115,5-8).

MAS NÓS NÃO podemos deixar-nos apanhar por esta tentação. Não tem sentido. O que nos dá sentido é Jesus, que com o seu jeito de viver procurou apontar-nos o caminho para realizarmos a nossa vocação. Se “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgate de muitos” (Mc 10,45), então, se o queremos seguir, somos obrigados a rejeitar todos os ídolos que nos convidam a viver o oposto. Existimos para servir. Esta é a orientação que somos chamados a procurar. É aqui que encontramos o sentido.

Há uma imagem de Deus à qual podemos entregar a nossa vida: a Sua imagem e semelhança, o ser humano, essa existência relacional criada e amada por Deus. Arriscamos?



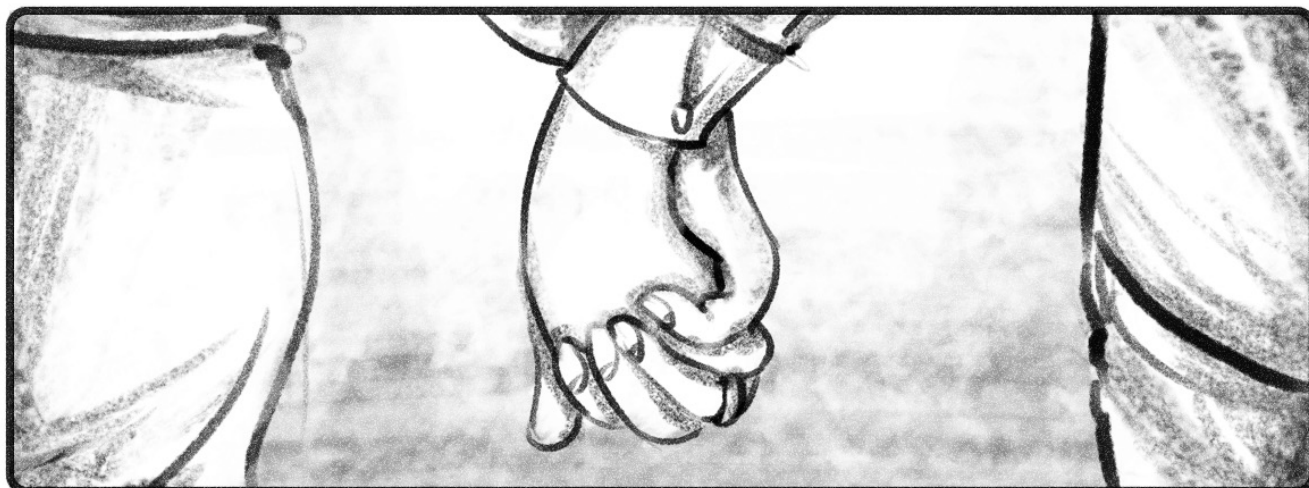
El Señor Cristiano y su Señorita Esperanza!

Eu, Cristiano, recebo-te a ti, Esperança,
e prometo amar-te,
respeitar-te e ser-te fiel

na saúde e na doença, na alegria
e na tristeza, nas horas em que tudo
faz sentido e naquelas em que teremos
de dar as mãos, às claras e às cegas,
nos frutos da missão e no cansaço

e nem a morte nos separa

pois claro, tinha de ser! É sempre!
Claro! Eu sou sempre a última a morrer



PROGRAMA

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE
REDENTORISTA

30 E 31 JANEIRO / 6 E 7 FEVEREIRO / 13 E 14 FEVEREIRO 2017
CURSO CER
OS ACTOS DE JESUS EM ACTOS DOS APÓSTOLOS

20 A 24 FEVEREIRO 2017
SEMANA DE REFLEXÃO PASTORAL ONLINE

25 MARÇO 2017
ESTÉTICAS DA FÉ
D'ESPERANÇAS: A ANUNCIAÇÃO DO SENHOR

24 ABRIL - 2 MAIO - 10 MAIO - 18 MAIO - 26 MAIO - 3 JUNHO 2017
CAMINHADA PASCAL
DO SEPULCRO A PENTECOSTES:
VAMOS FALAR OUTRAS LÍNGUAS?

[CLIQUE AQUI PARA MAIS INFORMAÇÕES](#)

EMAIL: cer@cssr.pt

MIRIAM

WWW.CSSR.PT/MIRIAM

